



RNAmensageiro

# Ensino à Distância

04 / 2008 - Junho

## EDITORIAL

RNAm de junho vem depois de um mês agitado. Em maio o V congresso acabou por não acontecer, sendo substituído por uma jornada de lutas com debates e atos. Aqui na bio, tivemos a aprovação "em essência" do curso de licenciatura à distância em ciências biológicas, que devido a importância do fato acabou se tornando o tema dessa edição.

Entendemos que o atual momento da nossa Universidade é crítico. A congregação do IB aprova uma pauta complementar, sem discussão nos departamentos, além de ter uma postura truculenta na reunião. Enquanto isso, o Conselho Universitário aprova a intervenção policial contra os estudantes e funcionários, numa reunião cheia de irregularidades. Estamos apreensivos com o que ainda pode vir.

A discussão sobre Universidade não se esgotou na semana da jornada de lutas e deve continuar. Os estudantes estão construindo uma campanha por uma estatuinte diferente do que a reitoria propõe. Esperamos que esse debate realmente possa ajudar a construir outro modelo de Universidade, pois a última semana de maio nos deu um péssimo panorama dos órgãos que dirigem a USP.

O RNAm continua tentando colocar debates para toda a comunidade que muitas vezes não estão claros. Continuará sendo um espaço aberto à todos. Inclusive, nessa edição, convidamos o diretor à escrever sobre a criação do curso à distância que ele apoia, mas, infelizmente, até o fechamento dessa edição não nos foi enviado nada. Por outro lado, estamos felizes com o texto do Prof. Eurico Cabral e esperamos que a iniciativa dele colabore para que outros professores e se sintam a vontade para escrever nesse espaço.

**SPHNCABio - Gestão Migração**



## ÍNDICE

Notas do CA .....	02
Ensino à distância no Brasil .....	03
Qualidade de vida no campus .....	05
EaD: Analisando a proposta do IB .....	06
Importância do RD na licenciatura .....	07
Informações sobre a UNIVESP .....	07
Opinião do Leitor .....	08
Carreira de professor .....	09
Momento Lúdico .....	11

# NOTAS DO CA

## Resultado das eleições e do plebiscito

O resultado das eleições para delegados para o V congresso foram: Chapa Construção: 109 votos; Chapa Romper o Dia! e anunciar a primavera: 21 votos; brancos e nulos 3.

Plebiscito: Você é a favor da implementação da graduação "licenciatura em biologia" por ensino à distância no IB? 165 não; 27 sim e 5 nulos/brancos. Você concorda com a implementação do Centro de Produção Digital (CPD) no Centro Didático? 118 não; 72 sim e 7 nulos/brancos. Você concorda que projetos possam ser pré-aprovados pela diretoria do instituto, dispensando o debate nas instâncias deliberativas do IB, como foi o caso do CPD? 180 não; 11 sim e 6 brancos/nulos

## V congresso

Na semana anterior ao V congresso os funcionários decidiram se retirar do mesmo, dada a não liberação de ponto dessa categoria por parte da reitoria. Colocado isso, a assembléia dos estudantes de segunda feira dia 26/05 entendeu que não havia a possibilidade de realização do congresso sem a presença de uma das categorias, deliberando pela realização de um calendário para a semana, que continha atos, como o piquete de protesto na reitoria, e muitos grupos de discussão não deliberativos (dos quais os professores e os funcionários foram convidados a participar) e, no fim, uma plenária em conjunto dos três setores para sexta feira.

Na quarta feira, uma comissão do conselho universitário se reuniu sem a convocação da representante discente. Essa comissão escreveu um relatório pedindo a intervenção policial no piquete da reitoria entre outras medidas. Foi convocada uma reunião extraordinária do CO com várias irregularidades (ver blog do CA com relato de uma das RDs sobre como foi esse CO). A reitora sabia em tempo real o que acontecia numa plenária dos estudantes que acontecia ao mesmo tempo, o que denunciou o fato de haver infiltrados na plenária, que mandavam informações para a reitora.

Quando isso foi colocado na plenária, alguns "membros" que se diziam estudantes saíram e mais alguns foram interrogados depois se era estudantes e estes assumiram que eram informantes e também saíram da plenária.

O piquete acabou na quinta feira, antes do prazo da reitoria para usar de força policial e aconteceu o ato na reunião do CRUESP (Conselho de reitores das Universidades Estaduais Paulistas). Na sexta feira aconteceu a plenária dos três setores que deliberou uma campanha por uma estatuinte nova, diferente da proposta pela reitoria.

## Curso de teatro

O curso de teatro que o CABio está organizando continua com inscrições abertas. As aulas terão duração de 2hrs semanais às quintas à noite. O valor mensal é de

R\$ 55,00 (R\$50,00 para os bixos que fizeram a carteirinha do CA). Inscreva-se pelo email sphncabio@gmail.com Maiores informações com Flavião 04N

## Festa Junina

Como todos sabem a nossa festa junina será dia 27/06. Quem quiser montar barraca é só mandar um email para sphncabio@gmail.com Todos são bem vindos, porém cabe dizer que nenhuma barraca poderá ser usada para lucro próprio. Todo o lucro das barracas deverá ou ir para uma entidade estudantil (ca/dce/atletica/comissão de formatura etc.) ou para comprar algo para o espaço do CA. Algumas ponderações devem ser feitas. As barracas são responsáveis pela limpeza de seu espaço, não podendo deixar nada jogado ou sujo dentro de seus limites. Todas devem ter compartimentos de lixo. Não pegaremos nenhuma porcentagem das barracas, porém o aluguel dos andaimes para construção e da faxineira e material de limpeza será dividido igualmente.

## Lançamento da Revista proposta pelo CA!

Convite à Comunidade do IB,

Estamos orgulhosos de anunciar o lançamento da \*Revista da Biologia\*, que contará com uma palestra de apresentação.

\*Data: 19 de junho, quinta-feira, às 12h Local: Anfiteatro Acadêmico do IB\*

Trata-se de uma revista eletrônica de divulgação que publica textos curtos, no formato de artigos tradicionais, em linguagem acessível abordando as diferentes áreas da biologia. É um espaço aberto também para publicação de ensaios e comentários sobre os mais variados temas de biologia, bem como questões científico-políticas. A revista tem como principal objetivo a publicação de trabalhos feitos preferencialmente por alunos de graduação e pós-graduação do Instituto de Biociências.

Essa proposta traz ao Instituto um ganho didático e de divulgação. O ganho didático vem do envolvimento de alunos de graduação e pós-graduação no processo da criação e manutenção da revista e na submissão e revisão dos textos. O ganho de divulgação para a comunidade do Instituto vem da disponibilização de um material escrito que resume parte importante do trabalho científico aqui feito, além da divulgação para a comunidade externa.

Para mais informações e para submeter seu texto acesse o site <http://www.ib.usp.br/revista>

A revista conta com apoio do Centro Acadêmico e da Diretoria do Instituto.

Contamos com sua presença e com seus textos!

Atenciosamente,

Pedro Ribeiro e Rodrigo Pavão  
Coordenação da Revista da Biologia

# Uma análise mais ampla dos projetos de ensino à distância

## A Universidade Aberta do Brasil

Os cursos superiores à distância - colocados como frutos das inovações tecnológicas atuais - na realidade não representam uma grande novidade. Os cursos por correspondência surgiram em 1890 na Alemanha. Logo depois, outros países adotaram o mesmo modelo. Já em 1969, a Inglaterra cria o programa 'Open University' que institucionaliza o ensino à distância em moldes mais 'sofisticados'.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996 e o decreto nº 5.622/05 estabeleceram os critérios que possibilitam a criação de cursos à distância. Depois dessa regulamentação, várias universidades públicas federais começaram a utilizar o sistema. Com o discurso do aumento de vagas e da democratização do acesso inclusive para os municípios mais afastados - o mesmo discurso utilizado por muitos professores do IB -, a política governamental atua no sentido de priorizar a expansão das vagas no ensino superior por meio de vagas em instituições particulares ou então vagas 'virtuais'.

Estabelece-se assim a oferta de educação à distância como um dos principais critérios para comprovar o compromisso social da universidade. Ignora-se como essa expansão é realizada e negligencia-se um debate mais sério sobre educação pública. Segundo o Andes (Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior), 'a apropriação e a reconceitualização distorcida de termos como democratização, formação e inclusão, por décadas defendidos nos fóruns onde se debate a educação pública, caracteriza a educação básica e superior à distância'.

Ainda, o processo de implantação do ensino à distância nas universidades federais está intimamente associado à criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB) em 20 de dezembro de 2005. A UAB apresentaria dois focos principais. O primeiro visaria ao acesso à educação superior da massa de jovens entre 18 e 24 anos hoje excluídos. O segundo seria 'atender a outra demanda educacional urgente: a necessidade de formação e capacitação de mais de um milhão de docentes para a educação básica, bem como a formação, em serviço, de um grande contingente de servidores públicos'.

A previsão inicial colocava as empresas estatais como responsáveis pelo financiamento do projeto da UAB. Entretanto, pouco tempo depois, o 'Fórum das estatais pela educação' elaborou um documento sugerindo a criação da 'Fundação de fomento à Universidade Aberta do Brasil'. Nesse documento ficou configurado que 'a Fundação de Fomento à UAB seria uma fundação de direito privado, sem fins lucrativos, cujo Conselho Gestor seria composto por representantes das empresas estatais participantes, do MEC, da Andifes, dos consórcios públicos, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), da Rede de Universidades Públicas (Unired) e da Associação Brasileira de Ensino à Distância'. Nesse mesmo documento, em nenhum momento a Universidade Aberta do Brasil é denominada 'estatal'. Tampouco é qualificada como 'gratuita'.

Para o Andes, 'a criação da UAB como ente privado fere o princípio da gratuidade e do ensino público

e os atributos que asseguram a condição universitária: a autonomia e a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão'.

Mas por que falar do projeto federal de ensino à distância? Bem, guardadas as devidas especificidades, me parece razoável imaginar um futuro parecido para o projeto Univesp. Não há nenhuma garantia legal de financiamento público do projeto. O financiamento prévio estipulado é de 100 milhões de reais, mas esse financiamento se configura como um compromisso verbal. Não há garantias de que no final das contas o projeto da Univesp não se torne a mais nova fundação 'de apoio' da Universidade de São Paulo. O que aconteceu na Congregação de maio - além de um show de desrespeito e autoritarismo - foi a aprovação de um projeto que ninguém sabe como vai ser financiado.

Além disso, aprovamos um projeto que não contava com a necessidade de estágios ao final do curso, um requerimento estipulado pelo MEC. Essa questão foi levantada durante a Congregação, mas para evitar confusões foi sugerido que votássemos a 'essência do projeto'. Mas segundo a essência do projeto, a Univesp não é uma universidade. Será que na 'essência' da Univesp os alunos precisarão fazer pesquisa? Afinal, qual o objetivo da Univesp? Isso não está claro ainda. É formar professores qualificados sem que haja necessidade de pesquisa sobre didática? Que qualificação é essa? Ou as licenciaturas são apenas o primeiro passo para a formação de uma pseudo-universidade que apenas forneça um ensino técnico aos estudantes, um ensino pouco crítico e sem compromisso social algum?

Para mim, as universidades constituem não apenas instituições de formação da força de trabalho altamente qualificada, mas também local de produção de conhecimento e de formação crítica de seus estudantes. Mas para não parecer dogmático, eu vou recorrer a um discurso de uma diretora do Instituto de Tecnologia Educacional da 'Open University'. Segundo Mary Thorpe, 'é importante lembrar que a expansão da EaD na última década representa muito menos o "triunfo da ideologia do acesso aberto" à educação e muito mais o impacto das forças de mercado e conseqüentes políticas governamentais de restrição de recursos aplicados à educação'. Continua dizendo: 'observa-se na década de 90, em muitos países industrializados, uma rápida expansão do ensino superior não acompanhado de uma expansão proporcional de recursos de ensino'.

Thorpe é defensora do projeto 'Open University'. De forma resignada, ela conclui sua análise: 'a redução dos recursos públicos para a educação superior é uma realidade nos países industrializados que tende a generalizar-se por todo o planeta na esteira do neoliberalismo, exigindo uma reformulação radical dos modelos de organização das universidades'. Esse discurso é o mesmo utilizado na Inglaterra thatcheriana - ícone do neoliberalismo.

Mas Thorpe tem a minha consideração por ao menos contextualizar a questão. Ao contrário de muitas falas da Congregação, Thorpe não utiliza argumentos meramente afetivos e conseqüentemente despolitizantes. Pelo contrário, entende as razões estruturais que levam à proposta de reformulação do ensino superior e, se defende essa reformulação, defende porque encara o processo como uma adequação inevitável. Mesmo discordando dessa

posição, adoraria que muitos dos defensores do projeto na Congregação adotassem um discurso mais objetivo para manter seu posicionamento.

### **Educação à distância - concepções**

Utilizo agora outros discursos de defensores do projeto de EaD. Peters - reitor da Universidade Aberta de Hagen na Alemanha durante os anos 70 - identifica nos projetos de EaD os principais elementos dos processos de produção industrial agrupados no que se convencionou chamar 'modelo fordista': racionalização, divisão do trabalho, mecanização, centralização, entre outras. Essa análise provocou imensa polêmica e desconforto, por exemplo, entre os representantes da 'Open University' britânica. Até porque a grande maioria das outras definições sobre EaD não aplica essa análise produtiva: apenas definem EaD pelo que ela não é, ou seja, a partir da perspectiva do ensino tradicional.

Peters afirma que 'a EaD implica na divisão do trabalho de ensinar, com a mecanização e automação da metodologia de ensino e a dependência da efetividade do processo de ensino'. E também diz que: 'as relações professor/estudante se caracterizam por aspectos essencialmente diferentes daqueles que ocorrem no ensino convencional: elas são controladas por regras técnicas mais do que por normas sociais; são baseadas em pouco ou nenhum conhecimento das necessidades do aluno; são construídas a partir de orientações e diretivas e não no contato pessoal'.

Outros dois estudiosos - Evans e Nation - observam o mesmo 'industrialismo instrucional' nos projetos de EaD vigentes. Criticam esse método de ensino e defendem a importância do diálogo entre professores e alunos.

Hoje é praticamente um consenso entre os grandes especialistas em ensino à distância que o método de ensino apresenta ainda graves problemas. Aqui é interessante ponderar que o problema espacial (distância entre professor e aluno) talvez seja apenas a causa de um problema maior: o problema temporal (defasagem na comunicação entre professor e aluno). Para o aluno, tirar uma dúvida pode representar um problema imenso, um problema que provavelmente está envolvido no alto grau de evasão encontrado nesses cursos. Para o professor, esta separação no tempo pode prejudicar sua performance, seja pelo desconhecimento das necessidades do aluno, seja por falta de retorno que lhe permita corrigir distorções.

Nesse sentido, tirando algumas exceções, a imagem de aprendizado autônomo que se tem comumente do estudante de EaD parece não corresponder à realidade. Algumas pesquisas realizados com alunos de vários tipos de experiências de EaD têm mostrado que estudantes à distância tendem a realizar uma aprendizagem passiva, meramente reproduzindo os conhecimentos assimilados nos momentos de avaliação. Metodologias e materiais 'fechados' como os apresentados pelos atuais projetos de EaD desestimulam o questionamento com relação aos conteúdos.

Assim, quando criticamos o ensino à distância, não estamos de maneira alguma tomando uma posição refratária às inovações tecnológicas e a sua possível contribuição para a melhoria da qualidade de ensino. Defendemos apenas a compreensão de suas limitações. A educação cubana, por exemplo, reconhecida

mundialmente por sua qualidade, apresenta módulos de ensino à distância. Entretanto, esses módulos consistem em pequenos cursos de extensão para atualização de professores: por exemplo, curso de divulgação de uma nova ferramenta didática para um determinado assunto. São cursos pontuais. Não são cursos de ensino superior.

Acredito que um dos principais critérios para definir a qualidade de um curso de ensino superior é o quanto o curso valoriza um ensino metodológico. Mais do que o assunto X ou o assunto Y, aprendemos na universidade a tentarmos sempre nos aproximar de uma abordagem científica, crítica, metodológica. Dessa forma, acho pouco provável a possibilidade de desenvolvermos cursos à distância satisfatórios neste aspecto. A educação à distância poderia ser um complemento, não podendo de forma alguma substituir os cursos presenciais.

Por tudo isso, acredito que os projetos de EaD, além de apenas mascararem o problema estrutural pelo qual passa a educação pública brasileira, apresentam uma 'essência' profundamente equivocada. Se quisermos democratizar/ampliar o acesso ao ensino superior, precisamos unir forças e lutar por um novo projeto de educação. É uma luta mais longa? Com certeza. Mas na minha opinião é a luta acertada.

O ProUni, por exemplo, ampliou o acesso ao ensino superior em universidades particulares muitas vezes de qualidade questionável. Entretanto, com o mesmo recurso poderíamos duplicar o número de vagas nas universidades federais. Talvez seja um número menor de alunos beneficiados em comparação ao ProUni, mas representaria um ato inicial para a melhoria do ensino público. Da mesma forma, os R\$100mi imaginados para a Univesp poderiam representar um outro ato inicial. Ao invés disso, escolhemos um projeto barato que pretende cegamente resolver os problemas de democratização de acesso.

Na Congregação se perguntou: 'Mas de que maneira a necessária discussão estrutural impede a votação do projeto de licenciatura à distância?' Bem, nesse texto eu tentei responder a essa questão. O projeto de licenciatura à distância representa um projeto conceitualmente equivocado e de cunho produtivista.

Por fim queria registrar minha imensa decepção com a estrutura de poder na Universidade. Para evitar maiores questionamentos, a mesa da Congregação sugeriu a votação da 'essência' do projeto. Sinceramente, eu nunca vi isso nem nas mais tumultuadas assembleias dos estudantes. Era visível o desejo de se aprovar o mais rápido possível o projeto. Falava-se em 'não perder o bonde' ou então 'não perder o projeto para a Unesp'. Afinal, estávamos discutindo um projeto porque alguns acreditavam no mesmo ou estávamos apenas discutindo um projeto que entre outras coisas pode duplicar o salário dos professores participantes? Vários erros e dúvidas foram apontados. O plebiscito dos estudantes foi apresentado. Uma questão de ordem foi colocada. Mas mesmo assim tudo foi conduzido para uma votação feita com urgência. Não imagino que uma questão tão séria e tão polêmica como essa possa ser discutida de maneira tão rasa. A comunidade USP precisa realmente rever a composição de seus colegiados.

**Juliano Polidoro (06D)**

# Por uma melhor qualidade de vida do campus de São Paulo.

O professor Eurico Cabral de Oliveira, ex-presidente do CABio e ex-diretor do IB está preocupado com o trânsito no interior do campus. Após enviar suas considerações às instâncias competentes da universidade (Diretorias de instituto e departamento, além da Prefeitura do Campus), enviou para o RNAm suas reflexões e reivindicações. Publicamos a seguir o material que recebemos.

Mensagem enviada ao Diretor/Vice/Chefe da Botânica e ao Jornal da USP

## Humanizando o trânsito no campus

A USP é uma ilha na metrópole. Ela foi até murada, mas não virou uma ilha "do bem". Todas as mazelas da cidade extra-muros se repetem aqui. Uma delas é o trânsito. Além do trânsito de passagem, em certos períodos do dia, o próprio trânsito local, com um sistema viário anacrônico, porque privilegia o automóvel e a velocidade, é irracional e perigoso.

Irracional porque é preciso dar grandes voltas para se ir de um local a outro. Por exemplo, para se ir de carro do setor de bancos para a FAU, ou IO, distantes apenas algumas dezenas de metros é preciso dirigir por mais de 1 km. Perigoso porque existem vias onde a velocidade permitida é de 60 km/h (a velocidade praticada é muito maior).

Com uma diminuição da velocidade seria possível, sem risco à segurança, diminuir sensivelmente os trajetos de um ponto a outro com economia de tempo, combustível e emissão de particulados e gases de C e S. Com a implantação de algumas faixas para bicicletas estas teriam mais segurança, aumentariam em número com todos os benefícios para a saúde das pessoas e do planeta, e diminuiriam os problemas de estacionamento.

A transformação do campus em uma ilha menos selvagem é factível, pois depende de nós, e traria benefícios para todos.

ATENÇÃO: VOCÊ ESTÁ ENTRANDO NO CAMPUS DA USP. DIRIJA COM CUIDADO. DESFRUTE DESTA ILHA DE PAZ E SILÊNCIO. RESPIRE UM AR MAIS PURO.

Eurico Cabral de Oliveira, IB.

Texto enviado ao Prefeito em 2007, sem resposta até então:

Prefeitura da USP, Prof. Adilson

Querido Prefeito

Que tal notabilizar sua gestão dando uma nova diretriz ao campus de SP, transformando-o num verdadeiro oásis de civilidade e cidadania dentro da metrópole, aproveitando o oásis de verde e o isolamento que já existe?

Minha sugestão é modificar o plano viário. O atual favorece o trânsito de veículos e estimula a velocidade em detrimento dos pedestres e dos ciclistas. De nada adiantam as lombadas e me parece ridícula a existência de faróis de trânsito. O sistema viário atual, creio eu, desenvolvido para aumentar a segurança e velocidade do tráfego de veículos motorizados, leva a algumas rotas absurdas num mundo onde a tendência é economizar combustível e diminuir a produção de CO/CO2/SO2 que poluem o campus e o planeta. Veja por exemplo o traçado que um veículo tem que fazer para ir do setor bancário ao IO.

Creio que seria plenamente viável modificar o sistema atual com uma redução drástica da velocidade in-campus e priorização do deslocamento dos pedestres. Estes teriam prioridade e os veículos teriam que parar sempre que um pedestre se aproximasse de uma faixa. Conversões seriam permitidas em todos os cruzamentos para encurtar as distâncias entre os prédios. Isto por si só diminuiria a velocidade de circulação dos veículos.

Creio que após um programa de educação, com o engajamento de todos os frequentadores do campus, mais o jornal, a rádio, os grêmios estudantis, etc., seria possível ir aos poucos transformando o campus em um experimento viário que se constituiria em um exemplo para a cidade.

Aproveito a oportunidade para cumprimenta-lo pela gestão que vem desenvolvendo.

Cordialmente,

Eurico C. de Oliveira, IB/USP

QUADRINHOS

## MUNDINHO ANIMAL



## EaD: Analisando a Proposta do IB

Eu gostaria de ter uma maneira mais inteligente de começar a discutir esse assunto, mas é complicado visto que o assunto realmente não ajuda. Eu tenho em mãos um documento intitulado "Proposta de Criação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas a ser ministrado pelo IBUSP e Programa UNIVESP da Secretaria de Ensino Superior do Estado de São Paulo", e eu devo comentar algumas coisas sobre ele. Começemos pela página 1, que basicamente enumera uma série de justificativas para a implantação do curso... Hmm... Vejamos... São sete tópicos encadeando um fantástico raciocínio sobre como o Ensino à Distância é a solução para a expansão de vagas na universidade pública. Antes de mais nada, vamos colocar algumas coisas a limpo. Por acaso, eu tenho alguma coisa contra experiências inovadoras em educação? Não, de forma nenhuma.

Quando eu estava na licenciatura, me foram apresentadas diversas experiências alternativas de como conduzir um curso de ciências e/ou biologia na Educação Básica, e eu não vejo grandes problemas em um curso superior ser ministrado de uma forma alternativa ao clássico trínômio giz-lousa-cuspe. Em alguns casos, não é como se a distância entre o professor e os alunos fosse mudar muito só porque ele está na TV... A questão então é: como fazer um curso de licenciatura em biologia à distância? A resposta, claro, depende de quem responde. E a minha resposta é: ah, fácil. É só pegar a estrutura que você já tem para o curso e jogá-la fora e começar tudo de novo. Como assim? Claro.

Imaginem um curso à distância de vertebrados, por exemplo. Quando eu fiz Vertebrados (e supõe-se que na grade nova, Vertebrados vai continuar exatamente do mesmo jeito), você tinha uma aulinha tranqüila de anfíbios de manhã (ou na quarta-feira, tanto faz), pra depois ter uma aulinha prática (também tranqüila, claro) à tarde (ou quinta). Agora, explica pra mim como um cara vai fazer exatamente a mesma coisa estando em Andradina? Ou você vai formar um biólogo SEM AULA PRÁTICA? Claro que não. Então, me parece óbvio que alguma coisa na estrutura do curso precisa mudar para ministrá-lo à distância. Eu não quero me atrever a dizer como a equipe de qualquer disciplina deve estruturar seu curso, mas eu posso dizer como eu faria um curso básico de vertebrados à distância, se esse tipo de poder estivesse nas minhas mãos. Bem, eu começaria pensando em como o curso estaria distribuído ao longo do semestre. Será que seria melhor condensar o curso em algumas semanas? Ok, vamos seguir essa idéia. As aulas teóricas seriam exibidas durante três semanas, em quinze programas, cada um com quatro horas de duração, o que totaliza 60 horas. Em outras três semanas, os alunos vêm ao IB e fazem 60 horas de aulas práticas, quatro horas todos os dias. Bom, isso mantendo a mesma carga horária, conteúdo e estrutura de curso que Vertebrados possui hoje em dia, mas podemos propor mudanças. O curso à distância precisa ter a mesma proporção de aulas práticas e teóricas? Precisa abordar o mesmo conteúdo com a mesma profundidade? O curso à distância poderia ter menos aula e exigir mais leituras. Ou não ter aulas. A única "aula" de fato seria a aula prática e todo o curso se baseia na leitura de textos, plantão de dúvidas via e-mail e verificações de leitura. Eu poderia ficar a madrugada inteira exemplificando como o curso de vertebrados à distância poderia ser... O que importa é que não há nenhuma razão para ele ser pior do que o curso presencial. Até onde eu entendo, ele poderia ser até melhor! Mas de uma coisa eu tenho certeza: ele tem que ser diferente. E daria trabalho fazer um curso à distância realmente bom; talvez mais trabalho que um curso presencial.

Voltemos ao documento. As quatro páginas seguintes apresentam um rascunho de projeto pedagógico; se você estiver um dia se sentindo deprimido em relação à sua graduação, leia o projeto pedagógico do seu curso. É

sempre tão otimista! Bom, após estas quatro páginas, o documento apresenta a estrutura curricular sugerida para o curso. E qual não é a minha surpresa ao ver exatamente a MESMA estrutura curricular do curso atual de licenciatura do IB... Bom, devo dizer que não é exatamente a mesma estrutura... Primeiro, há um encadeamento de pré-requisitos para as disciplinas do Núcleo Básico Comum, coisa que não existe no NBC do curso presencial. O texto se refere à essa seqüência de disciplinas como sendo "módulos conceituais". O que eu acho engraçado é que o NBC atual foi concebido com a idéia de que as disciplinas não teriam pré-requisitos; agora, porque raios o NBC à distância deveria ter esse tipo de coisa? Se vocês puderem observar o encadeamento, talvez você tenha a mesma impressão que eu: de que esse encadeamento foi arbitrariamente colocado sobre o NBC de forma dar a impressão que esses "módulos conceituais" seriam altamente organizados e coesos. Coisa que NÃO acontece no NBC atual simplesmente porque ele não foi concebido dessa maneira. Outra coisa: algumas disciplinas mudaram de nome... mas suas ementas continuam essencialmente as mesmas. Sabe aquela velha expressão "para inglês ver"? Então, eu não consigo pensar em outra coisa... Claro, minha impressão.

Uma coisa que me chamou a atenção é que parece que as disciplinas do curso à distância não possuem créditos-trabalho, ou pelo menos estes créditos não estão listados na estrutura ou nas ementas das disciplinas. Créditos-trabalho. A melhor ferramenta para azeitar uma disciplina à distância; exatamente um dos maiores ganhos da grade atual em relação à antiga, a meu ver. Um curso superior deve tornar os alunos mais independentes do professor, e créditos-trabalho foram feitos para isso. Ou seja, eles são perfeitos para um curso em que a relação professor-aluno não é tão próxima; claro que se tais créditos forem levados a sério tanto pelos alunos, ao respeitar os horários definidos de atividades extra-classe (que serão muitas em um curso à distância), quanto pelos professores, ao programar atividades relevantes e compatíveis com os horários pré-estabelecidos. Ou seja, uma grande arma que parece que foi esquecida ao se pensar a grade da licenciatura à distância aqui no IB.

Como você pode observar, eu tenho algumas críticas ao curso de licenciatura à distância, e eu aposto que se você lesse o documento, você teria suas próprias críticas, concordando ou não com as minhas. Se eu tivesse que resumir todas as minhas críticas em uma só, eu diria que o projeto apresentado não foi pensado com o cuidado que a implantação de um curso novo de graduação merece, ainda mais no caso de um curso experimental como é o caso; obviamente, o projeto foi feito às pressas (e eu acredito que outros textos nesta edição falarão sobre essa "pressa"...). Felizmente, o projeto foi apenas "aprovado em essência", o que significa que (muitas) mudanças ainda serão incorporadas ao projeto. Ainda há uma série de questões a serem resolvidas, como por exemplo, a liberação de verbas para o projeto; algo que ao menos foi motivo de preocupação para a comissão autora do projeto: há uma página de condições necessárias para a realização e manutenção do projeto ao final do documento (e esse lista merece uma leitura mais atenta). Então, visto que ainda há tempo, eu sugiro que você que lê este texto converse com as pessoas, informe-se, participe das reuniões que o Centro Acadêmico está organizando sobre o assunto, pois ainda há muita coisa a ser decidida. Acho que é do interesse de todos os biólogos que as escolas do país tenham professores qualificados e influentes na formação de cidadãos conscientes do meio que os cerca; (salto quântico de raciocínio) assim, a sua pesquisa (talvez) fará mais sentido. E eu acho que chega por hoje...

**Guilherme Garcia, Pato**  
**Mestrando em Genética e Biologia Evolutiva**

## A importância do representante discente na Licenciatura

Ao estudarmos história e geografia, nos deparamos com o seguinte fato: o Japão, de pequena extensão territorial e que foi destruído na Segunda Guerra mundial, é hoje a segunda potência econômica do mundo. Como eles conseguiram? Com investimentos em educação.

O Brasil, pelo contrário, possui grande extensão territorial, potencial energético, entre outros fatores que permitiriam ao Brasil ser uma grande potência. Infelizmente, nosso país continua sendo o "gigante adormecido". Isso ocorre porque nosso governo não investe em educação como deveria.

A falta de investimentos na educação é refletida em: escolas sucateadas; professores mal ou não formados, os quais se sobrecarregam para conseguirem um salário digno; alunos desinteressados e todos os problemas que estamos acostumados a ver e a ouvir.

Nós, como estudantes de Ciências Biológicas, temos como opção nos graduarmos na Licenciatura ou no Bacharelado ou nos dois. Infelizmente nossa Licenciatura enfrenta problemas, assim como toda a educação.

Para se graduar na modalidade Licenciatura, o aluno deve cumprir 26 créditos em disciplinas obrigatórias, 10 créditos em optativas eletivas e 8 créditos-trabalho (não há mínimo para optativas livres). Entretanto não são oferecidas semestralmente eletivas suficientes para a conclusão do curso.

O representante discente da Licenciatura deverá atuar para melhorar a nossa Licenciatura. Ele é fundamental nesse processo, pois ele é o contato entre os alunos do IB e as decisões tomadas pela comissão de Licenciatura, além de apresentar à mesma sugestões e opiniões surgidas entre os graduandos.

Nesse momento, a existência de um RD é mais que importante. Como muito já devem saber, o projeto da Licenciatura à distância teve sua "essência" aprovada. Como foi só sua "essência" aprovada, o projeto pode sofrer modificações.

O projeto tem como objetivo formar professores para lecionarem em escolas públicas. Não obstante, a qualidade desse curso é questionada. As aulas à distância anulam o contato aluno professor, impossibilitando uma avaliação contínua por parte do docente e a resolução de dúvidas. Se houver aulas presenciais, as dúvidas podem até ser resolvidas, mas quantas aulas serão presenciais? Haverá tempo nessas aulas para isso? Outro impasse são as aulas práticas. Por exemplo, como a disciplina Invertebrados pode ser ministrada sem aulas práticas? O projeto recomenda que 20% do curso seja de aulas práticas, mas aqui no IB essa disciplina é ministrada com 50% de aulas práticas. Isso mostra claramente a diferença entre os professores formados pela Licenciatura tradicional e o professores formados pela Licenciatura, o que não é nem um pouco justo.

Cabe ao RD nesse sentido, juntos com os alunos, mostrar que essa não é a solução para a falta de professores no ensino público. A solução seria uma reforma política na educação, mas isso não é tão fácil de se conseguir. Se não houver como barrar o projeto, precisamos no mínimo garantir que ele seja o melhor possível (se é que isso é possível).

Esse foi um pequeno resumo da atual situação do curso de Licenciatura no IB e os motivos pelos quais se faz necessária uma eleição extraordinária de um RD. Para mais informações sobre a Licenciatura à distância e a eleição do novo RD, fique atento ao CABio informa e ao RNAm.

**Gleidson Alexsandro Ferreira "Fininvest" (08N)**

---

### EaD: Informações sobre a UNIVESP

Na última sexta-feira o Centro acadêmico se reuniu com o Prof. Bayardo Torres do IQ. Ele nos esclareceu vários pontos sobre o ensino à distância na USP e nos cedeu gentilmente o ante-projeto da UNIVESP, produzida pela secretaria do Ensino Superior e entregue aos institutos da USP. O documento já está disponível em nosso blog. O CA, sempre visando à máxima informação dos estudantes, disponibilizará todos os materiais que conseguir.

Além disso realizaremos uma lista de perguntas à comissão de professores que está estruturando o curso no IB. As informações obtidas com o Prof. Bayardo mais relevantes foram: Há a criação de um curso de licenciatura à distância feito por diversos institutos (o representante do IB é o Prof. Paulo Takeo Sano) que visa, principalmente à formação de professores de ciências para ensino fundamental. Esse curso é bem diferente de tudo que conhecemos, sendo feito em módulos interdisciplinares e não disciplinas fechadas. Por exemplo: O primeiro módulo será "o sistema Solar e a Terra" que irá desde o "Big Bang" até a formação do Planeta Terra e todo esse conteúdo será dado de forma interdisciplinar, com conceitos de astronomia, matemática, física. A biologia entraria no módulo seguinte, que é quando surge a vida na Terra e assim por diante.

Para a criação desse e outros cursos, a USP prevê a criação de um instituto de "ensino à distância" com professores de vários departamentos. Os professores iriam para esse instituto e realizaram a pesquisa, ensino e extensão no ensino à distância, porém, para a substituição desses professores não há a previsão de contratação de novos docentes no regime da USP de claros. O que aconteceria é que esses professores que participarão desse instituto seriam trocados por "professores-substitutos", contratados em regime precário. Além disso, não há previsão de ampliação de recursos para a USP para as manutenções dos cursos à distância nos anos seguintes.

O Professor também nos informou que esse projeto não visa atender a outros estados da federação e também não pretende ampliar massivamente o número de alunos, pois segundo palavras do Professor "é impossível fazer um curso à distância de qualidade para muitos alunos". A previsão de alunos no curso de licenciatura em ciências seria de 100 a 150, não mais que isso, pois "um curso de qualidade acaba custando mais tempo e dedicação dos docentes do que um curso presencial". A UNICAMP entrou no projeto UNIVESP apenas com extensão e a UNESP com o curso de "Pedagogia Cidadã" Quando tivermos maiores informações publicaremos aqui.

## Opinião do leitor

Na edição de abril deste ano do RNAm, tivemos as nossas atenções chamadas, através do texto escrito pelo Rafael (07D), para o projeto de implantação de um Centro de Produção Digital (CPD) no prédio Paulo Sawaya (CD). Nesse texto, foram explicitados os objetivos imediatos do projeto, os quais seriam a reforma do primeiro andar do CD e a instalação de uma sala de multimídia, uma sala de videoconferência e um estúdio de gravação. Além disso, outro aspecto abordado no texto do Rafael foram as implicações estruturais e práticas da implantação do CPD no prédio do Centro Didático.

Em resumo, ficou claro que a reforma do CD para a implantação do CPD pode gerar problemas futuros relacionados com a falta de infra-estrutura para a sustentação do novo currículo em combinação com o currículo antigo de graduação em Ciências Biológicas, uma vez que o número de salas de aula do CD seria reduzido. Outras implicações negativas seriam a transferência do museu seco para a outra ala, a diminuição da copa dos funcionários e a diminuição da área de circulação em frente à sala de anatomia. O texto, no entanto, não apontava apenas pontos negativos da reforma: a instalação do CPD representaria uma melhoria nos recursos didáticos do instituto, uma vez que equipamentos como lousas eletrônicas e laptops seriam instalados, ajudando, inclusive, a descomprometer a sala Pró-aluno em relação a disciplinas que necessitem de recursos de multimídia.

Já na edição de maio do RNAm, o tema "Ensino" novamente foi abordado através dos textos da Flávia (04N) e do Júlio (06N), mas agora sob um novo contexto: a polêmica da implantação da Licenciatura à distância. Os textos, basicamente, tratavam do projeto batizado de UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), o qual pretende a criação de um curso de licenciatura em Ciências Biológicas à distância. A argumentação dos textos aponta para 2 problemas desse projeto: a formação de professores "segunda-linha" e a forma ineficiente de resolver a crise do ensino brasileiro que o projeto propõe a formação, em um curto período de tempo, de uma maior número de professores. O projeto, no IB, contaria com o apoio infra-estrutural do CPD que foi pré-aprovado, ainda que ninguém saiba afirmar aonde e por quem. Ponto importante de ambos os textos é que a criação do projeto UNIVESP representa muito mais uma medida superficial, do que uma ação que ataque o problema da crise do ensino em suas raízes. Uma discussão mais aprofundada deste ponto pode ser encontrada no texto do Júlio (06N) do RNAm de maio!

"Ensino" corresponde não só à transmissão de informações, mas também à assimilação de conhecimento. É papel do educador avaliar e modificar os seus métodos de transmissão de informações com o intuito de facilitar a assimilação do conhecimento. Também é dever do educador dar embasamento aos seus alunos para que eles consigam criar os seus próprios raciocínios. É muito difícil para o educador perceber todas as facilidades e as dificuldades dos alunos durante a assimilação de conhecimento. Apenas a partir do convívio, o profissional de educação pode caracterizar o perfil de seus alunos e adotar diferentes estratégias para a transmissão das informações.

No curso de bacharelado em Ciências Biológicas da USP o contato dos alunos com a área de ensino é muito pequeno. Dessa forma, a análise das implicações das questões anteriormente listadas ou fica

dificultada ou é simplesmente deixada de lado pelos graduandos. No entanto, é de extrema importância a discussão desses temas pelos alunos de biologia, visto que somos nós que, um dia, poderemos estar lecionando.

Dessa forma, eu gostaria de propor a organização de um grupo de discussões sobre assuntos ligados à educação. O que eu tenho em mente é um grupo de discussões semanais sobre educação onde as pessoas pudessem trazer idéias, contar experiências ou compartilhar dúvidas e dificuldades relacionadas com o ensino. Talvez, assim, nós possamos tomar alguma atitude que valorize o ensino no nosso curso de bacharelado! As pessoas da Bio (ou de outros cursos) que tiverem interesse nisso podem entrar em contato comigo pelo e-mail: di\_vasques@yahoo.com.br.

Para estreitar a idéia, eu organizei um texto sobre uma nova abordagem em educação, chamada de CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade). Abaixo segue um resumo do texto publicado na seção de apresentação da edição especial da revista FAPESP Ciência & Ensino, de Novembro/2007. As autoras do texto são Noela Invernizzi e Lais Fraga.

**Diego "Ganso" Vasques 06D**

### **ESTADO DA ARTE NA EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA, SOCIEDADE E AMBIENTE NO BRASIL**

Noela Invernizzi e Lais Fraga

A proposta de educação em CTS corresponde a uma nova forma de compreensão da ciência e da tecnologia, além de suas inter-relações com a sociedade, e que vem sendo construída desde a década de 60. A partir da análise dos fatores sociais que influenciam o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, assim como de suas implicações sociais, ambientais e éticas, o campo CTS questiona fortemente a visão neutra da ciência e da tecnologia e as idéias lineares de progresso a elas relacionadas.

Em países de capitalismo avançado, onde o campo CTS já é aplicado, as principais formas de ação são: a visão crítica de ciência e tecnologia na formação de profissionais orientados às atividades de pesquisa e desenvolvimento; o desenho de políticas públicas de Ciência e Tecnologia; e a reflexão sociológica sobre as relações entre ciência, tecnologia e sociedade.

No Brasil, o desenvolvimento acadêmico do campo CTS só foi iniciado na década de 80, sendo que ainda é muito restrito ao nível da pós-graduação. Muito recentemente, o campo CTS começou a ser introduzido na formação de professores, particularmente aqueles dedicados ao ensino de ciências, e nos programas escolares do ensino fundamental e médio. Foi precisamente no processo de transposição do campo de pesquisa CTS para o ensino de ciências com tal enfoque que a sigla ganhou mais uma letra, o "A" de CTSA, aludindo ao ambiente.

A educação CTSA é nova no Brasil e, em grande medida, parece ser, por enquanto, uma "experiência" restrita a um pequeno grupo de educadores. No entanto, timidamente, alguns documentos do Ministério de Educação que orientam o ensino de ciências começaram a incorporar esse enfoque.

# Carreira de professor atrai menos preparados

Apenas 5% dos melhores alunos formados no ensino médio querem atuar como docentes do ensino básico, diz estudo. Baixo retorno financeiro e desprestígio social da carreira docente são citados entre os principais fatores para perfil identificado no levantamento

*Fábio Takahashi escreve para a "Folha de SP":*

Ao contrário dos países com sucesso educacional, o Brasil atrai para o magistério os profissionais que possuem mais dificuldades acadêmicas e sociais, aponta um estudo inédito a ser apresentado hoje, que utilizou bancos de dados oficiais. Uma das constatações do levantamento, encomendado pela Fundação Lemann e pelo Instituto Futuro Brasil, é que apenas 5% dos melhores alunos que se formam no ensino médio desejam trabalhar como docentes da educação básica, que abrange os antigos primário, ginásio e colegial.

Os pesquisadores delimitaram o patamar de estudantes "top" naqueles que ficaram entre os 20% mais bem colocados no Enem 2005 (Exame Nacional do Ensino Médio, do governo federal). Dentro do grupo dos melhores, 31% querem a área da saúde e 18%, engenharia.

Com base nos questionários do Enade (o antigo provão), o estudo identificou que os alunos de pedagogia (curso que forma professores para os primeiros anos do ensino fundamental) vêm de famílias de baixa renda e têm mães com pouca escolarização - condições que apontam maiores chances de dificuldades acadêmicas.

"Para melhorar a qualidade de ensino, o Brasil precisa criar uma nova estrutura para atrair um outro perfil de pessoas para a educação", afirma a coordenadora do trabalho, Paula Louzано, doutora em educação pela Universidade Harvard (dos Estados Unidos). O estudo, ao qual a Folha teve acesso, será apresentado hoje (9/6) em São Paulo, em seminário fechado promovido pela Fundação Lemann e pelo Instituto Futuro Brasil.

## Coréia e Finlândia

A pesquisa compara a situação brasileira à dos melhores sistemas de educação do mundo, estudados pela consultoria McKinsey, em um trabalho do ano passado. Segundo a pesquisa, o primeiro dos três pontos que se destacam nas redes de ponta é "escolher as melhores pessoas para se tornarem professores".

Um exemplo estudado foi a Coréia do Sul, primeira colocada no ranking de leitura no Pisa 2006 (exame internacional). Lá, os que vão trabalhar no magistério, obrigatoriamente, devem estar entre os 5% melhores em um exame nacional para o ingresso no ensino superior. Na Finlândia, segunda no mesmo ranking, os professores são selecionados entre os 10% melhores alunos.

## Status

Os dois países buscaram medidas que elevassem o status dos professores - realidade diferente da brasileira. "Nunca vi um aluno daqui dizer que quer cursar pedagogia", afirma Andrea Godinho de Carvalho Lauro, professora do colégio Vértice, o melhor de São Paulo no Enem. "Os pais querem carreiras com mais

retorno financeiro e social", diz.

O baixo retorno financeiro no magistério, citado por Andrea, causa divergência entre educadores. O reduzido status social, porém, é consensual. "Como a profissão é desprestigiada, a maioria daqueles que escolhem trabalhar como professor o faz porque o curso superior na área é mais fácil de entrar, barato e rápido", afirma o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Roberto Leão.

"O pobre, que estuda no caos que é hoje a escola pública, vê na pedagogia uma das poucas opções possíveis de chegar ao ensino superior. Muitos não escolhem a carreira por vocação, mas, sim, porque é onde dá para entrar. É preciso tornar a carreira mais atrativa, para o pobre e para o rico", argumenta o dirigente da categoria.

"Os estudantes que chegam têm muitas dificuldades em conhecimentos básicos", diz Paulo de Assunção, pró-reitor acadêmico da Unifai (Centro Universitário Assunção), instituição de São Paulo com o maior número de matrículas em pedagogia. Para atenuar o problema, a escola tem aulas de reforço em língua portuguesa, matemática, entre outras.

## Profissão perdeu status no século 20

No início do período da República, os professores adquiriram um status social elevado na sociedade, conta o professor emérito da Unicamp Dermeval Saviani. "Principalmente nas cidades menores, até a década de 60, eles eram encarados como representantes do Estado. Tinham o respeito de todos." A mudança ocorreu no decorrer do século 20, quando houve a massificação do ensino - até então, era atendida apenas uma parcela da população.

Segundo Saviani, entre 1933 e 1998, o número de alunos aumentou 20 vezes, enquanto a população cresceu quatro vezes. "A opção dos governos foi atender mais gente com praticamente os mesmos recursos. Por isso, os salários foram reduzidos, e o prestígio dos professores diminuiu muito. O docente virou um simples funcionário público", afirma Saviani.

## Área vai melhorar e ficar mais atrativa, diz MEC

A melhoria da educação pública é o fator principal para que outros perfis da população sejam atraídos para a carreira docente, afirma a secretária da Educação Básica do Ministério da Educação, Maria do Pilar.

Segundo ela, a melhoria está em curso e será confirmada nesta semana, quando deverão ser divulgados novos indicadores de qualidade do ensino. "Ainda não vi os números, mas, pelas conversas, sinto que avançamos, principalmente na alfabetização", afirmou a representante do governo Lula. "A melhoria na escola pública vai criar um clima de entusiasmo, que seduzirá os jovens para a carreira", afirma.

A secretária, porém, diz que há outros pontos importantes, como a criação do piso salarial para a educação. A proposta do governo, que tramita no Congresso, fixa o valor em R\$ 950, para uma jornada de até 40 horas semanais (que terá impacto principalmente em regiões pobres do Norte e do Nordeste).

O MEC afirma que irá também atuar na formação dos professores, principalmente por meio das

universidades federais, e no início da carreira dos docentes. Uma das propostas analisadas é um acompanhamento dos educadores recém-contratados, no período probatório (de três anos). A idéia é contratar tutores para acompanhar os professores novatos. O ministério pretende começar o projeto no ano que vem.

### Salário de professor divide especialistas

Para alguns, reajuste deveria ser igual para toda a classe; outros defendem que haja diferenciação a partir do desempenho. Diferença entre ganhos de professores e trabalhadores privados vem diminuindo, de 61,9% a menos em 1995, para 16,8% a menos em 2006

Um dos pontos mais polêmicos na discussão de como melhorar a atratividade da carreira docente é a questão salarial. Há pesquisadores que entendem que o aumento geral para a categoria é primordial; outros acham a medida incorreta. O estudo encomendado pela Fundação Lemann e pelo Instituto Futuro Brasil destaca que, na média, os professores públicos ganham menos do que os trabalhadores do setor privado em geral (considerando os que possuem formação superior).

A diferença, porém, vem caindo rapidamente: os docentes ganhavam 61,9% a menos que a média da população no setor privado em 1995, percentual que diminuiu para 16,8% em 2006, segundo dados da Pnad, pesquisa do IBGE. "O salário ainda tem influência, mas não parece ser mais o fator primordial para a baixa atratividade para a carreira docente", afirma Paula Louzano, coordenadora do estudo.

"Faltam estudos sobre o assunto. Mas a minha impressão é que as condições de trabalho, o dia-a-dia na

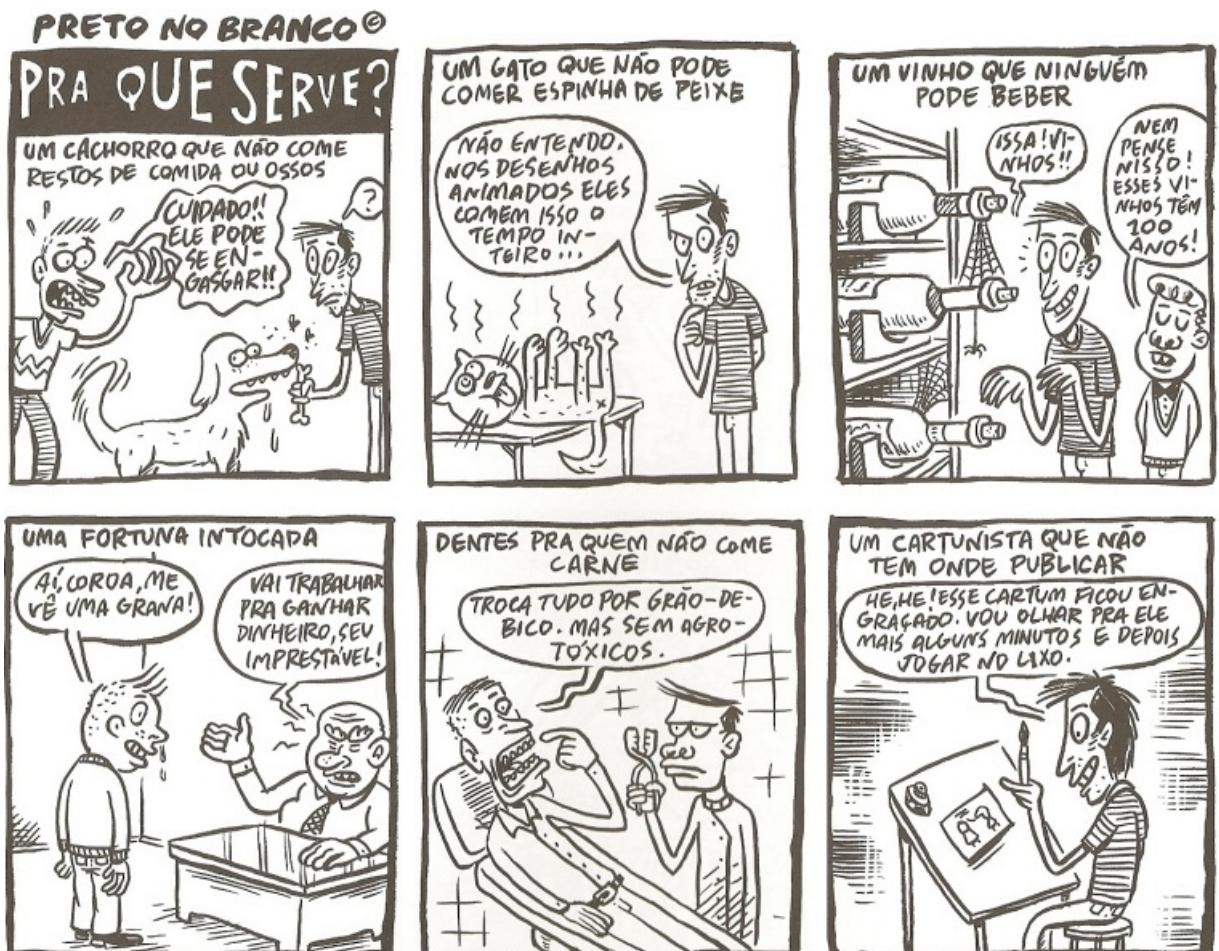
sala de aula, têm um peso grande", afirma. Para o professor emérito da Unicamp Dermeval Saviani, um forte aumento salarial é essencial para mudar a imagem da carreira e atrair uma população mais bem preparada. "Se o professor ganha na média brasileira, ele ganha mal, principalmente porque é uma profissão que exige muito. Além disso, a carreira está tão desvalorizada que ela precisa de um choque", diz Saviani.

Opinião divergente tem o pesquisador da FGV-RJ Samuel Pessoa. Para ele, o problema é que a estrutura do setor público não diferencia os bons profissionais dos demais. "É preciso criar mecanismos que permitam a diferenciação a partir de medidas objetivas de desempenho. Os mais talentosos ganham mais. Isso muda o perfil do corpo docente", diz. Elevar os salários de toda a classe até que todos ficassem com salários superiores à média, além de injusto com os professores mais dedicados, traria gastos praticamente insuportáveis para o Estado, diz Pessoa.

Para a docente da PUC-SP Clarilza Prado, que coordena um estudo da Fundação Carlos Chagas sobre estudantes de cursos de formação de professores, "ao lado da discussão sobre salário e carreira docente, é preciso trabalhar fatores subjetivos, como a impressão que a sociedade tem do professor".

O presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Roberto Leão, afirma ser necessário, "além de aumento salarial, melhores condições de trabalho, como diminuição da jornada de trabalho e redução de alunos por sala. Tudo isso melhoraria a imagem da carreira".

(Folha de SP, 09/06/2008)



## Reflexões sobre Ensino à distância

Em uma das nossas aulas de biologia, um dos professores dedicou-se à defesa da criação do curso à distância de Ciências Biológicas aqui na USP. A sua argumentação já estava pronta e ele habilmente nos conduziu ao seu ponto de vista. Quase todos nós saímos com um peso na consciência, acreditando estar tomado do mais vil sentimento egoísta de impedir a entrada de novos e pobres alunos ao nosso curso ou ainda nos sentindo os mais retrógrados dos estudantes, imagine, não aderir ao moderníssimo sistema de ensino, aquele de plugar a cabeça do estudante em um fio e magicamente tudo ser transferido ao seu banco de dados mental, como em um conhecido filme de ficção científica. Passada a aula fiquei a reorganizar meus argumentos e paradoxalmente sou obrigado a utilizar uma comunicação eletrônica, um dos instrumentos do ensino à distância, para me posicionar do outro lado.

Essa semana o debate sobre este tema veio à mídia impressa, após uma formada em Biologia à distância pelo CEDERJ (ligado a UFRJ e a UERJ), afirmar que foi prejudicada após ter seu registro de bióloga negado pelo Conselho Federal de Biologia (CFBio). Ela diz ter perdido a chance de um emprego na área de avaliação de impactos ambientais (veja no site <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u411108.shtm>).

A primeira reflexão que faço diz respeito à carga horária desses cursos que, na aparência, é igual às dos cursos tradicionais. O curso de licenciatura em Biologia da USP tem uma carga horária mínima de 2895 horas presenciais (3750 horas no currículo antigo). E quanto tempo mais de dedicação na "modalidade à distância" somos obrigados a cumprir? Sim, afinal não pesquisamos na Internet, nos matamos elaborando trabalhos, lemos livros e estudamos na biblioteca e em casa? Os novos cursos à distância são obrigados a ter vinte por cento de aulas presenciais, ou seja, 579 horas de curso tradicional e completar com o que já fazemos fora dos laboratórios e salas de aula. Não seria uma redução de carga horária?

O curso de medicina dura seis anos em horário integral e normalmente é completado com mais três anos de residência (cinco para neurocirurgia). Ninguém acha que isso é muito tempo devido à complexidade e os riscos do exercício desta profissão. As responsabilidades do biólogo também têm crescido exponencialmente. Num laudo mal feito ou na manipulação de microorganismos, podemos extinguir espécies ou pôr em risco populações. O conhecimento das ciências biológicas é um instrumento cada vez mais poderoso e complexo e, conseqüentemente, a sociedade precisa de profissionais cada vez mais capacitados e responsáveis. Mas na contramão, querem diminuir a carga horária do curso de ciências biológicas.

O amadurecimento de cada estudante durante uma graduação é um outro aspecto importante a se considerar. A maioria dos alunos entra muito jovem na universidade. Parte fundamental da sua futura vida profissional e também não-profissional é formada no convívio com os colegas e com os professores. Aprendemos a trabalhar melhor em equipe, organizamos nossa cabeça em uma rede interligada de pensamentos mais coerentes, sensibilizamos-nos para estarmos receptivos aos sinais emitidos pelo mundo natural e social e dimensionamos nossas prioridades para aquilo

que é mais importante dentro da vida de biólogo. O desenvolvimento intelectual não se faz do dia para a noite. Os caminhos e as escolhas individuais requerem conhecer com os próprios olhos, e de perto, os limites e os vários caminhos a se caminhar. Assim como aprender um novo idioma é mais fácil vivendo no país em que se fala, aprender o "biologuês" requer o contato direto e constante com quem fala esse idioma. Precisamos deste clima e do solo fértil da universidade para este amadurecimento.

Um grande argumento para a aprovação dos cursos de graduação à distância é a quantidade de novos recursos multimídia que eles utilizam. As aulas poderiam ser gravadas, simulações de mil procedimentos acessíveis aos estudantes, fórum com a participação dos professores, livros virtuais, etc. Nos cursos tradicionais é difícil até mesmo disponibilizar as apresentações das aulas e estas são tão expositivas que na maioria das vezes saímos com a impressão de que uma boa leitura seria mais vantajosa ao aprendizado. A questão é se todos esses novos recursos são incompatíveis com o ensino que se tem hoje. Acredito que não. Precisamos urgentemente agregar tudo de moderno e avançado ao que já temos sem diminuir as horas de contato presencial com os professores. Fazer uma revolução nas aulas que existem. Substituir o método de aula do "professor-livro-falado" em favor do professor animador, aquele que provoca dúvidas e perguntas, que instiga a imaginação dos estudantes e estimula o aprendizado. Não somos dinossauros. Mas queremos também ver todas as simulações e filmes da era Mesozóica com todos os recursos multimídia que temos direito.

Se este projeto do curso à distância de licenciatura em biologia for adiante teremos dois cursos, em uma mesma instituição, formando biólogos com igual direito de exercício da profissão, mas com exigências de formação diferentes e acesso diferenciado ao curso. Este último aspecto está relacionado ao primeiro. Já sabemos que o reconhecimento nacional e internacional do IB se deve à competência de seu quadro de professores e pesquisadores. A nossa infra-estrutura também é uma das melhores em relação às outras universidades do Brasil. Lembra-se pouco, no entanto, da contribuição dos alunos na qualidade do curso. O processo de seleção de ingresso é exigente e traz também alunos exigentes. O perfil de estudantes que os cursos à distância costumam atingir, no entanto, é o mesmo dos cursos supletivos de primeiro e segundo grau. São normalmente pessoas que não obtiveram sucesso no ingresso dos cursos normais, sem tempo para estudar, cansadas e mais interessadas em um diploma que resolva a sua situação em curto prazo. Exigir muito de quem não está preparado está diretamente relacionado ao número de evasão do curso. Nestes casos, quase sempre se recorre à diminuição do nível de exigência e também à qualidade do curso. É justo para com os jovens da rede pública de ensino oferecer aos seus professores um diploma facilitado só para "arrumar uma situação" de emprego? Não seria mais coerente, e até mais barato, criar novas vagas nos cursos 100% presenciais?

Perguntas e mais perguntas? Temos muitas. Precisamos ainda dialogar muito para reforçar ou mudar nossa opinião. Penso que este é um bom espaço para nós estudantes trocarmos idéias e nos mobilizarmos para conquistar um ensino de melhor qualidade.

**Adálio Saraiva (06N)**

# MOMENTO LÚDICO

## FÁCIL

	4						8	
9				4			3	2
				1	8	5		9
					5	4	2	
	1	9	8					
6		1	7	3				
3	5			6				7
	2							1

## MÉDIO

			7				1	9
				1		7		5
			2		5			
							2	6
	4	9				1	3	
7	8							
			6		3			
6		4		9				
5	7					4		

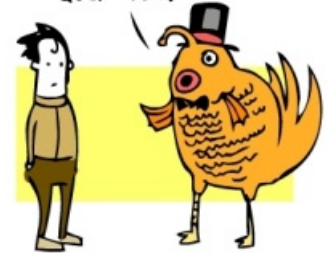
## DIFÍCIL

7			5			3		9
	4				1		7	2
2	1			3			4	
							9	
			1	8	6			
	3							
	2			1			5	8
1	9		7				6	
8		4			9			7

CARAMBA!  
QUE ESPÉCIE DE  
CRIATURA É VOCÊ?!



SOU MÁGICO!  
FAÇO TRUQUES,  
QUER VER?



TCHARAM!



IMPRESSONANTE  
NÃO É?!



Este jornal é uma  
publicação do  
SPHN-CABio